

6

Cartografias da solidariedade pandêmica

Anna La Marca

Arquiteta e urbanista graduada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ) com intercâmbio acadêmico na Universidade de Groningen, Países Baixos. Cursa o mestrado em Spatial Design pela Konstfack University em Estocolmo, Suécia onde trabalha com projetos entre arte, arquitetura e território.

Lai Bronzi Rocha

Graduando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista no Programa de Educação Tutorial (PET) Geografia UFF/Niterói. Participa do núcleo de estudos do NUREG/UFF. Se inspira nos movimentos e nas tensões entre as realidades de suas resistências e do conhecimento geográfico.

Leila de Oliveira Lima Araujo

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Pesquisadora nos Grupos de Pesquisa NUREG, NEURB e ETHOS da Universidade Federal Fluminense, com interesse em temas da Geografia Humana e Educação. Docente na Educação Básica no Município de São Gonçalo, RJ. Foi membro da Comissão de Avaliação dos Livros Didáticos de Geografia - Ensino Médio – PNLD/MEC, 2018.

Marina Amaral

Arquiteta e urbanista graduada pela UFRJ e realizou intercâmbio acadêmico na Università degli Studi Roma Tre com bolsa da CAPES. Explorando as fronteiras entre arte, arquitetura e urbanismo se formou com grande distinção no programa de mestrado em urban design da Académie Royale des Beaux-Arts de Bruxelles.

Thais Matos

Formanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Integrou durante a graduação o Programa de Educação Tutorial (PET) no Nucleo de Estudos em Geografia, Racismo, Opressões e Resistências desenvolvendo pesquisas em torno das relações etnico-raciais e estudos afro-brasileiros. É artista e ativista de movimentos culturais da diáspora africana. Participa do NUREG/UFF.

Timo Bartholl

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/Brasil onde coordena, junto a Rogério Haesbaert, o NUREG/UFF. Membro fundador do Coletivo Roça! - Maré/Rio de Janeiro. Trabalha na interface movimento social-universidade por meio de processos de pesquisa-ação em prol de uma Geografia em movimento(s).

Paul Schweizer

Geógrafo e educador popular. Como membro do kollektiv orangotango, co-conduz projetos de arte coletiva no espaço público. Tendo co-editado ‘This Is Not an Atlas’, uma coleção global de contra-cartografias, atualmente participa de processos de mapeamento coletivo na Europa e América Latina para facilitar um diálogo global de cartógrafas militantes.

Yago Evangelista

Graduado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do AUÊ! - Grupo de Estudos em Agricultura Urbana do Instituto de Geociências (IGC/UFMG) e do Museu das Remoções, na Vila Autódromo - Rio de Janeiro. Participa do núcleo de estudos do NUREG/UFF.

Contato com autorxs via: contato.nureg.uff@gmail.com



O CONTEXTO GLOBAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA PANDEMIA E AS FRENTE DE SOLIDARIEDADE EM FAPELAS DE RIO DE JANEIRO E NITERÓI¹

2019 permanecerá como um dos anos mais agitados em termos de movimentos sociais e protestos cidadãos em todo o mundo. Oito anos após as revoluções árabes e as ocupações de praças em todo o mundo, os protestos de 2019 tomaram a forma de manifestações regulares de massa que duraram meses. Cidadãos de origens muito diversas tomaram as ruas junto com ativistas de diferentes gerações (...). Por toda parte, eles exigiam mais democracia, dignidade, sociedade menos desigual e denunciavam elites corruptas, repressão e controle da mídia dominante. A pandemia da COVID-19 quebrou esta onda global de protestos² (PLEYERS 2020, p. 2).

Se a América Latina, em sintonia com o contexto de um mundo em agitação, viveu no ano de 2019, amplas mobilizações em diversos países (Chile, Bolívia, Equador, entre outros), no ano de 2020, a pandemia diminuiu os protestos de rua e fez uma diversidade de movimentos sociais organizados interiorizarem seus esforços num sentido comunitário e de autocuidado (ZIBECHI 2020a), ao mesmo tempo em que novas formas de mobilização social surgiram diante das múltiplas emergências - sanitárias, sociais, econômicas – agravadas com a pandemia.

Em debate recente, Raúl Zibechi, Casé Angatu Xukuru Tupinambá³ e Joelson Ferreira⁴, discutiu-se que diante dos profundos problemas a pandemia agravou problemas sociais na América Latina. No Brasil, especificamente, os movimentos sociais não deixaram de seguir suas lutas, reforçando seus trabalhos para dentro do autocuidado (ZIBECHI, 2020c), e defendendo a importância do horizonte na autonomia dessas lutas⁵.

A forma que estados-nações vêm enfrentando a pandemia - como se fosse possível superá-la olhando apenas para si - as lutas comunitárias, territorializadas, aumentam suas escalas através das articulações em rede, negando o Estado-Nação moderno/colonial (MIGNOLO 2003), enquanto o quadro de referência ou escala chave. Breno Bringel (2020, p. 49) traz a perspectiva da “desconexão”, num contexto geopolítico sul-norte, discutida por Samir Amin, e reforça:

Na atualidade, estamos frente a iniciativas de desconexão que deslocam e transbordam as unidades “nação”, “economias nacionais” e “Estado” para dar centralidade às localidades, aos territórios e às experiências localizadas.
(...)

As propostas de “desconexão” emergentes na atualidade são na verdade nucleadas ao redor do autonomismo e do ecologismo social, com uma força especial na América Latina e em algumas coletividades europeias, embora

também sigam vivas no continente africano (BRINGEL, 2020, p. 49).

A importância dos territórios em tempos de pandemia é destacada por Haesbaert (2020, s.p.) ao afirmar que “O território e os processos de des-reterritorialização nunca foram tão relevantes como agora, no combate à expansão do vírus”. Nexos entre lutas territorializadas e o horizonte da autonomia, sobretudo em diálogo com experiências da América Latina, são refletidos em trabalhos de Raúl Zibechi compilados nos livros “*Tiempos de colapso: los pueblos em movimiento*” (2020b) e “*Tiempos de colapso II: los pueblos rompen el cerco*” (2020c). Nas obras o autor estaca a importância das “autonomias para enfrentar las pandemias” (ZIBECHI 2020b, p. 68) e da “infinita solidaridad entre los de abajo” (ibid., p. 72) e enxerga na luta pela autonomia alimentar (agricultura urbana) (ibid., p. 100-105) e em formas outras de se fazer economia, anti-patriarcais e anticapitalistas (ibid., p. 116-121), fundamentos de enfrentar a crise pandêmica desde abaixo e, no caso de movimentos de caráter rural, indígenas e campesinos, o autocontrole de quem entra e sai em seus territórios para conter contágios (ibid., p. 76).

A partir de experiências de resistência zapatista, mapuche, de indígenas colombianos e/ou bolivianos ou lutas camponesas e negras como as da Teia dos Povos no Brasil, Zibechi (2020c, p. 195) aponta para a importância dos saberes que emergem em meio a essas lutas, e que a agência de pensar está com quem faz em movimento: “Ahora quienes emiten el pensamiento crítico no son ya ‘personalidades’ sino pueblos, colectivos, comunidades, organizaciones y movimientos”.

Raúl Zibechi também acompanhou sujeitos desde abaixo nos meses iniciais da pandemia, em uma série de vídeo-entrevistas nas quais dialoga com movimentos sociais de base atuantes em periferias. Apontou, através do exemplo da experiência do trabalho de base em Los Bañados, uma periferia urbana de Assunção, a importância da solidariedade e do apoio mútuo intraclasse e territorial, diante dos impactos do lockdown e da queda de possibilidades de geração de renda em trabalhos informais por moradoras e moradores de periferias urbanas. “El Estado no nos cuida... los pobres nos cuidamos entre pobres”, um dos lemas que se traduz em ação através de restaurantes populares autogeridos: “Ni pandemia del virus, ni pandemia del hambre. Vivan las ollas populares. Viva la solidaridad!”⁶

Em outro episódio, Raúl Zibechi entrevistou a Frente de Mobilização da Maré e o Movimento das Comunidades Populares (MCP), no qual Inessa Barbosa do MCP destaca a importância da auto-organização pré-pandemia como fundamento para o enfrentamento dos impactos da pandemia a nível comunitário de forma contundente e solidária. As formas de como garantir o autocuidado possível e necessário na favela, não pode seguir lemas simplistas, como esse que todos devem se isolara em suas casas, mas precisam ser elaborados a nível comunitário e colocados em prática com base nas condições em que se encontram as famílias (e seus domicílios), das quais muitos continuaram a trabalhar fora de casa durante toda a pandemia. No mesmo episódio, Gizele Martins, da Frente de Mo-



bilização da Maré, destaca a importância da comunicação comunitária no enfrentamento da pandemia. A solidariedade e o apoio mútuo tornaram-se necessários para superar os desafios de moradoras e moradores da Maré diante do atual momento, sendo um esforço tamanho que, segundo ela, “depois da pandemia, só nos resta fazer a revolução”⁷.

Diante do impacto que a pandemia teve sobre as mobilizações e protestos a nível global, esse efeito pode ser traduzido em uma metamorfose das formas de se movimentar e auto-organizar os movimentos num sentido de encontrar as formas adequadas de resistência no novo contexto pandêmico. Geoffrey Pleyers (2020, p. 2) identifica cinco áreas chave de mobilização social nesse contexto: protestos, defesa de direitos trabalhistas, ajuda mútua e solidariedade, monitoramento das instâncias de tomada de decisões (governos na pandemia), educação popular.

Em diálogo com Pleyers, é importante destacar que protestos retomaram as ruas e emergiram com novas performances em 2020, como o movimento Black Lives Matter, seguido da morte brutal pela polícia de George Floyd, nos Estados Unidos, e também protestos de rua em diversos países do leste europeu e países da América Latina, como no Perú, Equador ou no Chile. Esses protestos caracterizam-se por não terem sido direcionados, especificamente, contra medidas restritivas para controle do avanço da pandemia, eles seguem lógicas diferenciadas e mobilizam setores mais conservadores e de direita, na maioria dos casos, razão pela qual não nos conectamos ou refletimos suas dinâmicas aqui.

A área-chave que talvez mais tenha concentrado energias e na qual movimentos construíram novas sinergias desde 2020, tenha sido aquela que Pleyers identifica, em diálogo com Donatella Della Porta (2020), como “ajuda mútua e solidariedade”:

Neste período de crise, os movimentos populares, as organizações de base e os cidadãos assumiram um papel de liderança no engajamento em apoio mútuo, fornecendo necessidades básicas e solidariedade em sua comunidade e além dela. Neste período de distanciamento e isolamento social, os movimentos sociais constroem laços⁸ (PLEYERS 2020, p. 6).

No Rio de Janeiro e Niterói, a crise pandêmica colocou as favelas numa situação gravíssima, na qual a crescente falta de renda e cada vez maior iminência da fome vêm assombrando muitas famílias diante da ausência de assistência estatal para atenuar os problemas. Mas, com a chegada da pandemia, também houve uma multiplicidade de mobilizações e campanhas, organizadas por uma diversidade de entidades como coletivos, igrejas, empresas, ONG’s, entre outras, arrecadando verbas e doando alimentos ou kits de higiene e de prevenção sanitária (álcool em gel, máscaras) para apoiar as muitas pessoas em situação de vulnerabilidade. Apesar de incidirem sobre um problema comum, as iniciativas apresentavam dinâmicas bem diferentes entre si, ora exercidas por agentes internos da comunidade, ora por agentes externos e na maioria das vezes numa combinação de ambos⁹.

Em termos gerais, a maioria das mobilizações nas favelas a partir de março de 2020, concentraram-se ao redor de três eixos de desafios, cada um correspondendo a um conjunto específico de problemas e concomitantes ações e práticas (espaciais) específicas:

1) Comunicação e contra-informação desde abaixo: campanhas de comunicação comunitária para sensibilização dos moradores de favelas sobre os riscos e cuidados necessários frente à pandemia diante de um governo federal negacionista;

2) Auto-ajuda econômica emergencial: campanhas de doações e de crowdfunding para apoio alimentar e material de famílias em situação de maior vulnerabilidade nas favelas;

3) Autocuidado sanitário: distribuição de quites de higiene sanitária e de máscaras, iniciativas como apoio para pessoas contagiadas encontrarem uma oportunidade de tratamento, pesquisas comunitárias sobre a situação da população local.

As frentes de solidariedade nas favelas conectaram-se com setores mais privilegiados da sociedade numa perspectiva de ajuda emergencial (alimentos, produtos de higiene e sanitária, etc.), ao mesmo tempo em que se organizaram para exercer solidariedade intraclasse e inter- e intra-territórios, baseando-se em redes existentes, conectando-as e multiplicando-as (PORTA 2020), construindo potentes territórios-de-resistência-rede (BARTHOLL & VRADIS et al, 2021). Dedicamos nosso olhar a essa dinâmica e nos conectamos com o campo de práticas, vivências e experiências das mobilizações e frentes de solidariedade que surgiram desde março de 2020, em favelas da região metropolitana do Rio de Janeiro, como em muitas periferias de outras metrópoles do Brasil.

Em diálogo com a diversidade de trabalhos para compreender dos horizontes de luta e dos movimentos sociais na pandemia, como as contribuições das publicações na revista “Interface: a journal for and about social movements” (volume 12, número 1, Julho 2020¹⁰; Interface: um jornal para e sobre movimentos sociais), que traz um olhar rico para uma multiplicidade de experiências de “organizing amidst Covid-19: sharing stories of struggle” (organização em meio à Covid-19: compartilhando histórias de luta) numa perspectiva internacional, ou os textos reunidos em torno de um “Alerta global” (BRINGEL & GEFFREYS (orgs). 2020), buscamos aqui jogar luz sobre formas de cartografar a “solidariedade pandêmica”, inspirado em reflexões da Coletiva Sembrar & SITRIN (2020)¹¹.

Há algo profundo aqui, ligado ao que é a verdade real sobre quem realmente somos, não o que nos é dito sobre nós mesmos. Sim, nós temos medo. Sim, sentimos dor e vulnerabilidade, e o que fazemos com isso, repetidamente, ao longo da história e agora mais do que nunca, é estender a mão uns aos outros e encontrar maneiras de cuidar uns dos outros¹² (SITRIN 2020).

Ser solidário é colocar-se no lugar do outro, é perceber a falta de acesso aos



meios de sobrevivência, é ter em mente as desigualdades sociais¹³ (Claudia Cambraiua do Projeto Nzinga, apud DUARTE & LIMA 2020, p. 126).

Consideramos que salvas as muitas particularidades e singularidades de cada experiência em sul e norte global, a emergência e o conjunto de necessidades trazidas pela pandemia fizeram surgir formas de auto-organização popular e militância comunitária que, ainda levarão tempo para decifrar e compreender em toda a sua magnitude, a “solidariedade pandêmica” num horizonte em comum. É nesse contexto maior dos movimentos sociais na pandemia, numa perspectiva global, com foco na dimensão da solidariedade nas mobilizações de enfrentamento, que mergulhamos nas experiências locais e territorializadas para conhecer, buscar, compreender e interpretar, junto aos sujeitos em movimento, a magnitude, formas, dinâmicas, desafios e perspectivas da “solidariedade pandêmica” em favelas dos municípios do Rio de Janeiro e de Niterói.

Dialogamos com as experiências de frentes de solidariedade em favelas num espírito de uma pesquisa como ato solidário. No entanto, gostaríamos de debater com quem reflete a temática a nível internacional. As formas como a “solidariedade pandêmica” vêm sendo cartografadas, quanto com quem atua nas linhas de frente das Frentes.

Se em outros eixos de reflexão e trabalhos focamos, entre outros, nas contradições que envolvem a instituição dos complexos territórios-de-resistência-rede de solidariedade e caridade pandêmica, com relações que se tecem entre horizontalidades e verticalidades intra-/inter- e extra-favelas (ARAUJO et al. 2021), nas reflexões aqui nosso foco é debater as cartografias da solidariedade pandêmica. Compartilhamos nossa abordagem, conectamo-nos com o multiverso de “Outras cartografias” para apresentar, discutir “Mapas de solidariedade na pandemia”, e compartilhar nossa experiência de “Mapear e contar a história das frentes de solidariedade: o StoryMap ‘Favelas contra a Covid-19’”.

A PESQUISA COMO ATO SOLIDÁRIO

Creo que es posible interactuar de forma horizontal y en redes de comunidades de vida, para lograr mayor irradicación a la propuesta de desprivatizar e desenajenar; al deseo de salir del sonambulismo consumista, de la competitividad y del individualismo, para liberar energías cognitivas y creativas a través de prácticas en común. En definitiva, pienso que las estrategias comunales indígenas son sorprendentemente ricas en enseñanzas; de igual forma lo son las estrategias populares urbanas. Tenemos mucho que aprender en los caminos; en las plazas y mercados. Las universidades y los libros nos motivan, pero no nos darán las respuestas, y no nos ayudarán en lo más esencial, que es formular las preguntas (CUSICANQUI 2018, p. 74-75).

No espírito de Geografia(s) em movimento(s) (BARTHOLL 2018), e do “uso contra-hegemônico” da pesquisa em Geografia (SANTOS 2007 apud PERUZZO 2016, p 6), a pesquisa “Geografar em movimento e pesquisar em ação contra os impactos da pandemia: práticas, dinâmicas e perspectivas de frentes e ações de solidariedade em favelas de Niterói e Rio de Janeiro”, em meio à qual nascem as reflexões deste texto, entende-se como uma investigação militante que se compromete com os movimentos sociais e xs sujeitos/as/es em movimento, em um diálogo sujeitx-sujeitx onde a pesquisa se constrói e desenvolve para ativar a “ciência como ferramenta de luta do[s] e para o[s] movimento[s] social[/is]” (grifos no original, BARTHOLL 2018, p 56).

Nesta pesquisa nos articulamos com(o) pesquisadoras e pesquisadores, estudantes, militantes, professoras e professores, situados em diferentes lugares, instituições, dinâmicas, territórios e movimento(s) de resistências, em colaboração Sul-Norte global, para estudar e analisar as dinâmicas socioterritoriais da diversidade de frentes e ações de solidariedade, que vêm atuando coligado aos impactos negativos da pandemia da COVID-19, nas favelas, com recorte espacial de favelas nos municípios do Rio de Janeiro e Niterói. Com isso, esperamos poder fortalecer e agir junto às frentes de solidariedade.

As diversas identificações citadas são multifacetadas e compõem os sujeitos que somos, cada um/uma com dispares ensejos e contribuições à pesquisa, em prol de um objetivo em comum. A coletividade das várias mãos que escrevem esse texto, fazem ouvir as várias vozes em uníssono, mas que se dão por burburinhos das conversas por intermédio da internet (configurando nossas redes), discussões incessantes que não se esgotam, já que no/em movimento não podemos congelar aprendizados que estão em diálogo contínuo com os saberes-fazeres das frentes de solidariedade nas favelas.

No decorrer do mapeamento de frentes e ações de solidariedade em favelas do Rio de Janeiro e Niterói, estivemos em contato com os/as/es sujeitos/as/es através de entrevistas, principalmente, por dois integrantes do nosso grupo de pesquisa, que são sujeitos nos/dos movimentos em seus respectivos territórios. Timo Bartholl na Maré - RJ, integrante do Coletivo Roça! Que apoia a Frente de Mobilização da Maré, e Thais Matos, moradora do Morro do Palácio, em Niterói - RJ, onde iniciou e compõe a Frente do Morro do Palácio Contra a COVID-19.

Nossa pesquisa comprehende tanto uma dimensão objetiva, em que planejamos a obtenção de resultados em prol de alcançar as metas mais gerais, na geração de conhecimento, na dimensão afetiva de pesquisa-militância. A base para o desenvolvimento da pesquisa foram os laços subjetivos de ser/pertencer nos territórios e a interação com a rede de sujeitos das mobilizações. Assim, as pesquisadoras e pesquisadores do grupo são afetados pelas mesmas a partir de laços afetivos e de amizade. Diante disso, não se trata de uma pesquisa solidária guiada apenas por emoções, mas pelo comprometimento com as lutas e resistências nas periferias urbanas, em busca de compreensão e cons-



trução de um sentimento/pensamento compartilhado solidariamente (BORDA 2009), visando interpretações pautadas em saberes-fazeres e saberes-com auto-emancipatórios (BARTHOLL 2018, p. 139). Saberes esses, que no momento de pandemia voltam-se para o autocuidado, no território e comunitário.

No projeto formou-se o Grupo de Trabalho Mapas que é formado por pesquisadoras e pesquisadores, estudantes e militantes em articulação Sul-Norte. A colaboração em rede, literalmente, pela internet com encontros virtuais, proporcionou trocas cruciais que ajudaram a todos/as/es envolvidos/as/es. As experiências do desenvolvimento de entrevistas, do contato com as frentes de solidariedade, de visitas virtuais e presenciais aos territórios – pelas pesquisadoras e pesquisadores e militantes, situados no Rio de Janeiro e Niterói foram levadas e discutidas, no GT Mapas e o presente texto é um reflexo desse encontro Sul-Norte de saberes e fazeres.

Ao discutir métodos de pesquisa-ação, Peruzzo recorre a Thiollent e aponta:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa empírica que é concebida e realizada com estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT 2003, p.14 apud PERUZZO 2016, p 9).

Nesse sentido, nossa pesquisa-ação ocorre no espírito de um ato solidário que busca fortalecer as frentes e ações de solidariedade auto-organizadas nos territórios favelados. Os derivados da pesquisa são materiais a serem estruturados em um cartilha de boas práticas no enfrentamento da COVID-19, um Storymap¹⁴ que apresenta de forma mais direta os grupos com os quais estivemos em contato, o site¹⁵ Favelas contra a COVID-19 e matérias jornalísticas a partir das entrevistas. Com isso os resultados são voltados para disseminação das práticas auto-emancipatórias e disponibilização de ferramentas para a auto-organização comunitária solidária, para que as experiências que conhecemos, cartografamos e refletimos possam ser divulgadas e, quem sabe, inspirar práticas em outros momentos/territórios de luta.

OUTRAS CARTOGRAFIAS

Enquanto as práticas críticas utilizando mapas surgiram no ativismo e nas artes europeias no início do século XX, nos movimentos surrealistas e situacionistas (MESQUITA 2018), o que hoje em dia é referido como cartografia crítica, no debate acadêmico surgiu principalmente, no final dos anos 80. Desde o início, essas discussões em grande parte são uma crítica às práticas cartográficas institucionalizadas pelo Estado e pelo capital. Os mapas tradicionais implicam, inerentemente, uma perspectiva de cima para baixo, uma abordagem “abstraída, mental e totalizante” (MORRIS & VOYCE 2015) - “uma visão do mundo como visto por aqueles que o governam - um mundo de cima”

como Escobar o coloca (ESCOBAR 2018, p. 82). Nesse sentido, o mapa é uma ferramenta do Estado ou dos proprietários das terras e do mundo para se darem “legibilidade” através da “simplificação” (SCOTT 1998, p. 9).

A crítica resultante dessas observações revela como os mapas foram cúmplices na história do colonialismo e do nacionalismo e como eles contribuíram para a sua estabilização e legitimação. A análise traz à tona como os mapas fazem com que as condições sociais pareçam naturais ao conectá-las e fixá-las e congelá-las no espaço. A cartografia não existe fora das estruturas de poder e os mapas podem ser dispositivos poderosos numa sociedade de classes. Eles não apenas localizam e assim espacializam o ambiente natural, mas, também colocam em seu lugar a propriedade, os direitos e as normas sociais. Portanto, cartógrafos críticos examinam os mapas criticamente de várias maneiras - metodológica e teoricamente - usando semiótica, análise do discurso ou desconstrutivismo (HARLEY 1989; WOOD 1992).

A partir da crítica à disciplina científica da cartografia, esse debate desenvolveu a questão das condições de elaboração de mapas. Por exemplo, em “Deconstructing the map”, Brian Harley (1989) defende o abandono do “dualismo arbitrário” de mapas “artísticos” e “científicos” (PERKINS 2008, p. 156). As primeiras respostas ao trabalho de Harley nos anos 90, demonstram o exame do processo de produção de mapas e seu papel na construção social da realidade (WOOD 1993). Os debates dos anos 2000, diferenciaram ainda mais essa perspectiva. Kitchin e Dodge (2007) descrevem o mapeamento como um processo de reterritorialização constante e os mapas, portanto, como nunca totalmente formados e completados. Ao invés disso, discutem mapas como práticas espaciais utilizadas para resolver problemas relacionais, permanecendo sempre contingentes, relacionais e contextuais. Já Crampton e Krygier (2006) referem-se à cartografia crítica como o duplo movimento de crítica teórica e prática crítica.

Enquanto práticas explicitamente comprometidas com a transformação social a partir de baixo, surgem com o início do século XX, uma diversidade de coletivos que transcendem as fronteiras disciplinares da cartografia/geografia e das artes/design, bem como a separação entre pesquisa e militância, como o Counter Cartographies Collective¹⁶, Hackitectura¹⁷, Iconoclastistas¹⁸, Bureau d’Études¹⁹, o Beehive Collective²⁰ e o kollektiv orangotango²¹. Uma ampla coleção diversificada e inspiradora dessas experiências pode ser encontrada no “This is not an atlas” (KOLLEKTIV ORANGOTANGO+ 2018)²².

Os contra-mapas também crescem a partir de uma longa tradição de práticas pós-coloniais de mapeamento como parte das lutas das comunidades indígenas. Conforme Nietschmann (1994, p. 37):

Mais território indígena tem sido reivindicado por mapas do que por armas. Esta afirmação tem seu corolário: mais território indígena pode ser reivindicado e defendido por mapas do que por armas²³.

No contexto brasileiro, o trabalho do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia



(ALMEIDA 2013), é um dos exemplos mais conhecidos de mapeamento de lutas por territórios indígenas. De fato, o próprio termo “contra-mapeamento” foi cunhado por Nancy Lee Peluso (1995) trabalhando com o Dayak na Indonésia, utilizando mapas para (re)reivindicar suas terras.

Uma fonte crucial de inspiração, tanto no uso de mapas como numa abordagem de pesquisa de ação na Geografia, é o trabalho de William Bunge (1971). Sua Geografia desde abaixo, surgiu na periferia de Detroit e visava a construção de ferramentas cartográficas para comunidades marginalizadas. Este tipo de cultura contracartográfica utiliza uma linguagem cartográfica clara e vívida, a fim de promover uma alfabetização geográfica e a autodeterminação das comunidades locais.

Entendemos, mapeamentos coletivos, num sentido freireano (FREIRE, 2008), como um processo comum de reflexão territorial de conscientização e auto-organização. Um processo no qual a própria relação com o espaço é refletida, em diferentes perspectivas intersubjetivas, bem como, diferentes tipos de conhecimento (por exemplo, o cotidiano, tradicional, encarnado ou científico) podem fluir juntos e abrir espaço para a ação. Para conseguir isto, sentimos que é crucial integrar uma noção de sentipensar (sentir/pensar) (ESCOBAR 2020, p. 67, BORDA 2009) no que, com referência a Bell Hooks pode ser chamado de “cartografia engajada”, ou seja, uma cartografia baseada no diálogo que engaja tanto “coração quanto mente” (HOOKS 2010, p. 22). Isso acontece ao lançar uma perspectiva espacial sobre a relação dialética entre nós humanos e nosso meio (do qual fazemos parte). Assim, entendemos o mapeamento coletivo como o processo de alfabetização geográfica da vida cotidiana e espaços de ação - através do diálogo, “mediado pelo mundo” (FREIRE 2008).

Entendida como tal, a contracartografia também se torna um meio de representação de realidades subrepresentadas, marginalizadas e complexas, assim como, de auto-organização de comunidades e de facilitação de ações. Para que a cartografia faça sua humilde contribuição para uma “construção do pluriverso” (REITER 2018), ela precisa abraçar “múltiplas formas de conhecimento, incluindo o afetivo, encarnado, oral, cognitivo e cultural” (MOTTA 2015, p. 178) e encontrar meios adequados para dar voz a esta pluralidade de conhecimentos. Envolve o uso de mapas e processos de mapeamento como uma entre muitas ferramentas para desenvolver uma imaginação diferente do mundo e de nossas relações com ele e dentro dele. Como Ângela Massumi Katuta²⁴ colocou em uma recente palestra sobre mapeamento como ferramenta de emancipação, a fim de satisfazer a demanda para representar outras formas de estar no mundo, é preciso realizar uma ruptura a respeito da linguagem visual cartográfica que construímos.

Em seus elementos gráficos tradicionais, a cartografia, mesmo quando praticada com uma aspiração crítica, muitas vezes, reproduz uma lógica colonial de simplificação da divisão e da segregação. Assim, embora reconhecendo a importância da demarcação de territórios próprios para as lutas emancipatórias (ZIBECHI 2011), sugerimos que uma

abordagem descolonial, na cartografia se concentre nas interconexões múltiplas dos territórios em movimento (OSLENDER 2019, p. 12). Mapas, poderiam então tornar-se uma ferramenta para representar o que Escobar (2018, p. 83), denominava de “zonas de contato e pontos comuns parciais”. Isto converge com o que podemos aprender da ontologia territorial Mapuche, para a qual a ideia de fronteiras ou limites não existe. O conceito mapuche de Xawümen é usado para identificar os pontos e linhas de demarcação territorial entre Lofs, que correspondem às menores unidades que dividem o território mapuche. Xawümen se baseia na ideia de unificar e unir partes (MANSILLA et al. 2019, p. 42). Compreender Xawümen, como um conceito territorial de união e unificação, abre uma outra perspectiva sobre o mundo e eventualmente, oferece possibilidades de construir uma alteridade positiva, permitindo que as pessoas se coloquem no lugar umas das outras, promovendo um diálogo respeitoso, e criem um encontro de mundos. A contracartografia, comprometida com a criação de relações entre diversas experiências (territoriais), identidades e imaginações, precisa se engajar no desenvolvimento de novas expressões gráficas para representar zonas de encontro de fronteiras.

Diante dos múltiplos desafios que sujeitos/as/es em luta se encontraram no Sul e Norte global, na crise pandêmica, a cartografia colaborativa apresentou-se como potente ferramenta para articular iniciativas e ações de solidariedade nos territórios, e mapear para intervir, colaborar e agir em solidariedade tornou-se uma experiência rica e viva em uma diversidade de mapas de solidariedade pandêmica.

MAPAS DE SOLIDARIEDADE PANDÊMICA

Desde o início da pandemia do novo Coronavírus, ações e redes de solidariedade foram documentadas em vários locais do mundo. Da mesma forma que uma grande diversidade de mapas são utilizados para demonstrar dados relativos à progressão da pandemia, como número de infecções, de casos, de pessoas curadas ou de leitos de UTI disponíveis. Mapear práticas solidárias durante esse período tem permitido a visualização de tais ações no território, contribuindo para a organização de projetos solidários e a facilitação do acesso de pessoas que queiram contribuir e se engajar. Diferentes organizações se propuseram a mapear essas iniciativas, como no caso da “COVID-19 Solidarity Maps”, desenvolvido pelo kollektiv orangotango e NotAnAtlas, que reúne práticas solidárias em diversos continentes²⁵.

Países e cidades são impactados de formas diferentes e possuem demandas próprias na situação atual de pandemia. No contexto latino-americano, comunidades informais que já apresentam vulnerabilidades sociais e de infraestrutura experienciam de forma grave os efeitos da COVID-19 e das restrições ocasionadas por ela (FRANCO & ORTIZ et al., 2020). Nesse contexto, a campanha “Synergies for Solidarity”²⁶ mapeou as ações de enfrentamento da pandemia lideradas pela sociedade civil, na América Latina



e buscou traçar relação entre as esferas da informalidade e as iniciativas sociais desenvolvidas em áreas de ocupações informais. No Brasil, a pandemia evidenciou ainda mais as já profundas desigualdades sociais e as periferias urbanas apresentaram desde o início da pandemia grandes dificuldades para a realização do distanciamento social, necessário em seus territórios. Apesar disso, um dos fatores decisivos para que os impactos nessas áreas não tenham sido ainda mais graves, foram as inúmeras iniciativas, mobilizações e campanhas de solidariedade que surgiram desde a confirmação dos primeiros casos no país. A rápida resposta e articulação para o enfrentamento da pandemia está diretamente relacionada ao fato de que muitas das associações e organizações atuantes, já estavam organizadas antes da pandemia, especialmente em territórios favelados (FRANCO & ORTIZ et al, 2020).

Surgiram nesse contexto, mapas de solidariedade como uma maneira de tornar esses esforços e articulações visíveis e acessíveis, com a intenção de facilitar a distribuição de recursos e alcançar mais pessoas que pudessem contribuir com as mobilizações e campanhas. Embora existam diversas formas de cartografia da solidariedade, os processos de mapeamento possuem muitas similaridades. Em geral, nos mapas do contexto latino-americano e brasileiro que analisamos, as ações mapeadas buscavam e/ou continuam buscar responder às necessidades urgentes que se apresentam nos territórios, onde surgem primeiro, para a partir daí poderem ser cartografadas e/ou registradas em mapas colaborativos. As redes sociais virtuais se mostraram uma ferramenta de compartilhamento e divulgação de iniciativas de grande alcance, no entanto o acesso à internet é por vezes restrito em comunidades mais vulneráveis onde métodos de comunicação mais tradicionais (Duque Franco, Ortiz et al, 2020) e in situ são empregados, como a utilização de banners ou de carros de som com mensagens para a comunidade.

Uma dinâmica colaborativa permeia os projetos que se dedicam a mapear essas iniciativas, a partir de algum tipo de canal (formulários online, e-mail ou mensagem, por exemplo), onde qualquer pessoa ou entidade pode enviar/sugerir iniciativas a serem representadas no mapa. Visualmente, os mapas compartilham algumas características principais: um mapa digital com pano de fundo, o georreferenciamento dos pontos que são marcados no mapa e a interatividade (muitas vezes qualquer pessoa pode acrescentar novas iniciativas no mapa). É interessante notar, como o georreferenciar das ações no mapa permite que usuários em geral ou também pesquisadoras e pesquisadores estabeleçam relações entre a quantidade e o tipo das iniciativas e sua localização, trazendo à tona diferentes níveis de vulnerabilidade de certos espaços, território com maior densidade de ações tanto quanto territórios negligenciados e/ou invisibilizados.

Um dos primeiros e mais importantes mapas que surgiram para cartografar de forma colaborativa as campanhas de solidariedade foi o mapa elaborado pelo Instituto Marielle Franco²⁷, em parceria com o coletivo de jornalistas Favela em Pauta²⁸ e contou com o apoio da plataforma Twitter e de uma startup mineira, a Take²⁹. O #MapaCoro-

na Nas Periferias³⁰ foi publicado pela primeira vez no dia 20 de abril de 2020, e hoje tem alcance em todo o Brasil. Em um primeiro momento, os grupos que gostariam de fazer parte dele preenchiam um formulário no próprio site e eram adicionados ao mapa, mas quando a Take entrou em conjunto na iniciativa, a adição de novos grupos começou a ser feita também por mensagens no aplicativo WhatsApp.³¹

A intenção do mapa é conectar possíveis apoiadoras e apoiadores e doadoras e doadores às ações solidárias, mas para a diretora do Instituto Marielle Franco, Anielle Franco (em entrevista ao Jornal virtual Favela em Pauta³²), o mapa vai além, apresentando uma tentativa de contribuir com a conexão entre frentes e iniciativas de solidariedade. O mapa em si, como outros similares, se baseia em pontos georreferenciados na plataforma Google MyMaps. A grande diferença que se deu nesse mapa foi o alcance que teve, principalmente por ser impulsionado pelo Twitter. Então, apesar de não ser um mapeamento muito elaborado visualmente, talvez seja o mais abrangente e o que de longe mais teve acessos e ganhou visibilidade.

Se o #MapaCoronaNasPeriferias tem projeção nacional, muitos mapas solidários foram construídos em escalas de alcance menor e em contextos regionais ou locais mais específicos como no caso do mapa “Solidariedade e assistência social (Covid-19) – Litoral Norte/RS”³³, elaborado pela UFRGS Litoral e o kollektiv orangotango/NotAnAtlas, que focou numa região do litoral do Rio Grande do Sul, próximo e ao norte de Porto Alegre. A metodologia de montagem do mapa foi dividida em 3 etapas:

Primeiramente, foi realizada uma articulação com as redes de solidariedade.

Foram levantados dados primários das instituições, tais como endereço, telefone, horário de atendimento e o tipo de doação/assistência.

Finalmente, foi elaborado um projeto cartográfico por Sinthia Cristina Batista, Paul Schweizer e Gabriel Amoretti Franco no Carto.³⁴

Em um primeiro momento, foram usados formulários online para receber o contato e localização das ações ou se articular às redes dos membros do grupo que fizeram o mapeamento, elaborando-se assim o mapa em conjunto com um membro do coletivo orangotango. O mapa teve um alcance muito menor que o #MapaCoronaNasPeriferias, mas teve grande relevância regionalmente e demonstrou formas da universidade e pesquisadoras e pesquisadores apoiarem iniciativas de solidariedade pandêmica na interface universidade-movimentos sociais³⁵.

No caso da nossa pesquisa, como fomos um grupo pequeno e iniciamos o nosso processo em meados do ano passado, em um momento em que campanhas e mobilizações estavam em uma primeira fase de redução de suas dinâmicas e de seu alcance, e mapas de solidariedade já tinham sido construídas, decidimos buscar uma forma cartográfica diferente para contribuir mais com a construção de uma memória viva e num contexto local de solidariedade pandêmica em algumas favelas do que no sentido de



interagir com o trabalho cotidiano das campanhas. Nasceu assim a proposta de mapear e contar a história das frentes de solidariedade através do StoryMap “Favelas contra a Covid-19”, uma experiência ainda não concluída, e que gostaríamos de compartilhar aqui.

MAPEAR E CONTAR A HISTÓRIA DAS FRENTES DE SOLIDARIEDADE: O STORYMAP “FAVELAS CONTRA A COVID-19”

Quando a pandemia chegou às favelas a partir de março de 2020, imediatamente surgiram preocupações referentes às condições das periferias urbanas e como suas moradoras e moradores pudessem lidar com os desafios postos pela crise sanitária, econômica e social que estava se apresentando. As características habitacionais e sanitárias das favelas, tais quais a alta densidade populacional, precariedade construtiva, abastecimento irregular de água e precariedade ou inexistência dos sistemas de esgoto ou de coleta de lixo, insuficiência do sistema público de saúde, entre outros, são resultados da dívida histórica do poder público e dos prestadores de serviços – públicos e privados – com essas populações. Indubitavelmente, no contexto pandêmico, esse conjunto de problemas exporia os moradores a maiores riscos diante da ameaça do coronavírus.

Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou as medidas básicas para evitar a proliferação do vírus³⁶ ficou evidente que as favelas não tinham condições de seguir as orientações mais básicas devido a sua organização socioespacial própria. Nesse momento ganharam destaque as organizações e movimentos sociais nas periferias ao denunciar as vulnerabilidades das favelas, elaborar medidas coerentes com a realidade dos territórios e reivindicar medidas de apoio aos moradores pelo lado do poder público.

A crise pandêmica colocou as favelas numa situação gravíssima na qual a crescente falta de renda e cada vez maior iminência da fome vêm assombrando muitas famílias. Diante da ausência de assistência estatal para atenuar os problemas, surgiram mobilizações e campanhas organizadas por uma diversidade de entidades como coletivos, igrejas, empresas, ONG's, entre outras, arrecadando verbas e doando alimentos ou kits de higiene e de prevenção sanitária (álcool em gel, máscaras) para apoiar as pessoas em situação vulnerável.

Diante [dos impactos da pandemia] e de toda a experiência de ausência que os moradores de favela vivem há décadas, emergem de dentro das próprias comunidades agentes capazes de realizar coalizões importantes. (...) De certa forma, esse momento é capaz de ativar um senso de responsabilidade social e comunitária no interior das favelas e na sociedade

que vive alheia a sua existência, criando um sentimento de empatia que é fundamental para construção de uma sociedade mais justa. Torna-se muito importante que esse ímpeto não se esvaia, pois, as desigualdades não deixarão de existir com o fim da pandemia, talvez se agravem, e o combate a elas é mais que urgente (MATOS 2020, p. 106).

Temos caracterizado as frentes de solidariedade (no contexto de pandemia especificamente) como grupos e/ou indivíduos, previamente organizados em coletivos ou não, que se unem para combater e minimizar os efeitos da pandemia em seus territórios que são as periferias urbanas, como as favelas. A rede de apoio e solidariedade que se desenvolve dentro das favelas tem formas horizontais de organização, e com elo de pertencimento a um território comum e mobilização de (auto-)cuidado, explicita bem essa afirmação o lema da Frente CDD da Cidade de Deus: “[é] nós por nós”.

Como nossa pesquisa ocorreu na interface universidade-movimentos sociais - organicamente dois integrantes do nosso grupo participaram diretamente em ações e mobilizações de solidariedade nos territórios onde vivemos (Favela do Palácio/Niterói e Maré/Rio de Janeiro) – o processo de pesquisa-ação conectou-se com ações no território, como apoio a frentes de solidariedade através da doação de livros em uma campanha³⁷ realizada pelo Instituto de Estudos Libertários³⁸ (IEL), pela Consequência Editora³⁹ e pela Frente de Mobilização da Maré⁴⁰, visitas aos territórios para entrevistas e, na maioria dos casos, encontros virtuais com integrantes de frentes de solidariedade e encontros virtuais de autorreflexão. Nisso, nosso objetivo tem sido, além de contribuir com os processos através do diálogo, apoio das campanhas, e a reflexão crítica, construir um diálogo de saberes e compartilhar reflexões e dar visibilidade às experiências através de um site⁴¹, uma cartilha e um StoryMap.

Na Cartilha “Solidariedade Pandêmica nas Favelas”, que está em fase de elaboração, abordaremos práticas de combate aos impactos da pandemia e relataremos as reflexões construídas junto às frentes. A cartilha apresentará o que podemos aprender com a experiência de cada favela/periferia no enfrentamento da pandemia com a qual nos conectamos e será publicada de modo digital para ampliar ao máximo sua difusão e esperamos que as práticas relatadas possam servir como propostas vivas para outros territórios.

O StoryMap⁴² é uma plataforma aberta para possibilitar a contagem de histórias a partir de mapas. Optamos por esta plataforma para poder registrar a resistência solidária das periferias urbanas durante a pandemia. Além de trazer as práticas desenvolvidas pelos grupos, relatamos de forma breve o processo de formação das Frentes a partir de coletivos pré existentes ou de sujeitos movidos pela ameaça iminente. Ao visitar o StoryMap online o visitante se vê diante um mapa da região metropolitana do Rio de Janeiro na qual pontos de localização onde atuam frentes de solidariedade são conectadas de forma dinâmica com fotos e textos que apresentam cada experiência. A



proposta é apresentada na página inicial:

Este StoryMap tem como objetivo registrar dinâmicas socioterritoriais das diversas frentes de solidariedade que vêm atuando no enfrentamento da pandemia da COVID-19 nas favelas do Rio de Janeiro e Niterói. Aqui estamos construindo uma memória viva, uma álbun das experiências, das práticas e das relações dos sujeitos com os territórios, além de relatar reflexões acerca das contradições e desafios impostos pela realidade pandêmica. (...)

Esta plataforma se torna um meio de identificação dos grupos, incentivando o reconhecimento dessas atuações tão relevantes e importantes de solidariedade pandêmica em diversas escalas. Essa representação demarca territorialidades situadas, abrindo um panorama de frentes solidárias que desenvolvem trabalhos de apoio mútuo nas comunidades. Tal reconhecimento nutre a percepção de que as frentes não estão isoladas, e que configuram redes conscientes de si, conectadas, ativas e consolidadas.

Para conhecer cada experiência, basta folhear entre abas e cada aba significa “pular” de um nó da rede das frentes para um outro nó, trazendo uma sensação da teia que é tecida entre os territórios e suas resistências. E mesmo que somente sejamos capazes de capturar algumas das muitas experiências, esperamos poder criar uma forma (virtual-)espacial-sensorial de apresentar a solidariedade pandêmica nas favelas que seja inspiradora para quem for visitar o StoryMap. Cada experiência é acompanhada por um contato ou endereço nas redes sociais para que qualquer um/a possa se conectar com os grupos que mais despertam o interesse.

Assim, o StoryMap torna-se uma memória viva da luta contra os impactos da pandemia e um registro de ações solidárias, horizontalmente construídas pelos movimentos (de) militantes em favelas e periferias urbanas das cidades do Rio de Janeiro e Niterói. A plataforma se torna também um meio de auto-identificação dos grupos, contribuindo com o reconhecimento da relevância da sua atuação em escalas diversas. A representação demarca a atuação territorialmente situada e abre um panorama de outras frentes que desenvolvem um trabalho semelhante. Tal reconhecimento fortalece a percepção de que as frentes não estão isoladas, e que muito mais fazem parte de redes de solidariedade. Para aqueles que tecem esses territórios-de-resistência-redeativamente isso não apresenta uma novidade. Mas na interface com pessoas que “estão chegando” e começam a se interessar por ou querem se engajar de forma solidária nas mobilizações de resistência nas favelas, esperamos que o StoryMap “Favelas contra a Covid-19”⁴³ possa ser uma pequena contribuição ao fortalecimento da solidariedade pandêmica nas favelas ao apresentar as frentes e suas ações, mostrar aonde e como atuam as resistências-redes.

CARTOGRAFIAS (D)E FUTUROS COMUNITÁRIOS SOLIDÁRIOS POSSÍVEIS

As geografias insurgentes da crise pandêmica expressam-se através de complexas formas de (auto-/hetero-)organização das mobilizações. Nas entrevistas com integrantes de frentes de solidariedade conhecemos dinâmicas de mobilização, refletimos juntos aos grupos acerca da construção de suas campanhas, das formas de comunicação com a comunidade, dos problemas específicos de cada realidade territorial e da relação das frentes com outros coletivos/favelas/instituições, as estratégias para arrecadar verbas e montar cestas de alimentos – que foram diversas (como financiamentos coletivos online, parcerias com movimentos sociais ou instituições, arrecadação de donativos, entre outras).

Se por um lado as frentes de solidariedade foram capazes de ganhar visibilidade e mobilizar recursos e dar conta de grandes desafios logísticos, e apresentam somente uma pequena parcela de todas as mobilizações que ocorreram e, em menor grau, continuam ocorrendo, não podemos deixar de lado a realidade de pouca mobilização em uma parte de favelas, onde a organicidade comunitária é baixa e enfrenta múltiplos desafios (domínio territorial como as milícias dificultam formação e trabalho de movimentos sociais). Nisso, nosso olhar específico para frentes de solidariedade também tem a ver com um posicionamento político-epistemológico no sentido de uma pesquisa militante: reconhecemos a multiplicidade das formas organizacionais presentes nas favelas e como cada forma foi acionada para e teve seu papel ao enfrentar os impactos da pandemia, mas focamos em iniciativas que dialogam com um horizonte de luta (auto-)emancipatória que caracteriza o trabalho de movimentos sociais de base.

Entendemos como movimento social de base formas de auto-organização comunitária cujo trabalho “na base, da base, pela base e para a base” está inserido em e contribui na construção de territórios-de-resistência-rede intra- e inter-favelas tendo na auto-emancipação e na autonomia importantes horizontes de sua luta. Relações com entidades e apoio externos ocorrem com o cuidado da não-perda de auto-determinação em forma e conteúdo do trabalho realizado. Procuram organizar-se de forma horizontal internamente e em relação a terceiros (grupos e indivíduos) e “base” portanto não é entendida como um nível inferior em uma hierarquia, mas como ente fundamental numa articulação em redes baseadas em apoio mútuo e solidariedade (confira Bartholl, 2015).

Nisso observamos que as frentes desdobraram-se em uma tensão constante entre estruturas verticais de dependência de apoio e caridade extra-favelas e da realização das ações em estruturas mais horizontais e de fato solidárias intra-favelas. Dean Spades (2020) ao clamar: “Solidarity no charity!” (Solidariedade, não caridade!), nos provoca a andarmos por dois caminhos reflexivos, para compreender as frentes de solidariedade, que se cruzam em diversos pontos: o primeiro nos leva à compreensão de que sem apoio de natureza mais vertical (caridade) os sujeitos em movimento (que praticaram solida-



riedade horizontal) não teriam, de forma alguma, estrutura e recursos para ter ajudado tantas famílias em situação de emergência. O segundo leva à reflexão de que seja, por conta disso, crucial, para poder identificar e fortalecer o horizonte da autonomia de base comunitária nas mobilizações das frentes, diferenciar entre as verticalidades e horizontalidades de ação emergencial para compreender quais formas fortalecer e quais formas buscar superar (diferenciando entre curto, médio e longo prazo).

Momentos constitutivos de dinâmicas coletivas são importantes para a formação de horizontes no interior dos movimentos (sociais) (ACCOSSATTO 2017). Sujeitas/os/es que compunham as frentes e que colaboraram com nosso trabalho de cartografar afirmam (através de suas ações e em suas reflexões) que existe uma solidariedade territorial que se mostra de forma mais acentuada em momentos críticos nas periferias urbanas. Ainda, no momento pandêmico, notamos que a juventude protagonizou um papel importante nesses movimentos, engenhando recursos digitais com agilidade para auxiliar nas arrecadações e distribuição das cestas. O StoryMap é, neste sentido, uma cartografia que procura co-construir uma memória viva de uma solidariedade que surge num passado próximo e da qual depende a força também da resistência nas favelas, nossa resistência, nas favelas, no futuro.

Accossatto (2017) analisa os elementos que interagem como marco teórico do colonialismo interno nas análises de dinâmicas de dominação/insurreição anti-/coloniais multi-temporais na obra de Silvia Rivera Cusicanqui. Essa identifica três principais horizontes que reatualizam as práticas de dominação no contexto da Bolívia: o horizonte colonial (mentalidades e práticas sociais que organizam modos de convivência e sociabilidade, pautados na dominação); o liberal (com os ideais de uma igualdade fictícia); e, por fim, o populista (onde maiorias sociais constituíram redes clientelistas estatais, partidárias e sindicais); todos horizontes de dominação que se afastam da ou se opõem à vida comunitária (ACCOSSATTO 2017, p. 170-171) e que formam parte dos projetos de sociedade heterônomas, baseados em sistemas de crenças e valores. Diante desses horizontes de dominação, Cusicanqui identifica múltiplos planos da consciência histórica do campesinato indígena boliviano.

La concepción de Rivera Cusicanqui de una memoria colectiva como elemento constitutivo, tanto de los procesos de identificación de los movimientos sociales como de las prácticas políticas y horizontes de lucha, se presenta como una mirada peculiar y atenta a las particularidades que supone la emergencia y re-emergencia de sujetos políticos en América Latina (ibid., p. 179).

Salvas as muitas diferenças entre e respeitando as singularidades de cada experiência, ao compreender a favela como território no qual se urbanizam resistências negras-indígenas-campesinas-operárias, as memórias longas e curtas que formam a base da identificação da resistência favelada, de seus sujeitos e(m) seus territórios foram decisivas para

a potência com que a solidariedade toma forma nas periferias frente à crise pandêmica e(m) suas múltiplas faces (sanitária, econômica, social, entre outras). Uma solidariedade de base comunitária que tem suas raízes em terras indígenas, quilombos, em mutirões e na experiência do comum no convívio não explorador entre corpos, naturezas, terra e territórios. A experiência de resistências periféricas na pandemia, que tem suas raízes no tempo largo, na memória longa, e foi capturada nas e fortalecidas pelas múltiplas cartografias de solidariedade na pandemia, apresenta-se, nisso como fonte inspiradora que se alimentou de vivências solidárias passadas para ser vivência solidária no presente e base para um futuro comunitário solidário possível, em permanente construção.

NOTAS

1. O presente texto é fruto de um processo de pesquisa-ação no projeto “Geografar em movimento e pesquisar em ação contra os impactos da pandemia: práticas, dinâmicas e perspectivas de frentes e ações de solidariedade em favelas de Niterói e Rio de Janeiro” (<https://favelascontra-covid.wixsite.com/home>), realizado em 2020/2021 no âmbito do Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização da Universidade Federal Fluminense (NUREG/UFF). O projeto contou com o financiamento de duas bolsas de curta duração da PROPPI/UFF além do engajamento voluntário da maior parte do grupo, sem o qual a pesquisa não teria sido possível. O grupo de pesquisa local contou com apoio transatlântico no “Grupo de Trabalho Mapas”, onde refletimos juntos formas de cartografar as experiências de solidariedade pandêmica com as quais nos conectamos na pesquisa, reflexões que compartilhamos neste texto.
2. Tradução livre. No original: “2019 will remain as one of the most active years in terms of social movements and citizens’ protests around the world. Eight years after the Arab revolutions and square occupations all over the world, the 2019 protests took the form of regular mass demonstrations that lasted for months. Citizens from very diverse backgrounds took the streets along with activists from different generations (...). Everywhere, they demanded more democracy, dignity, less unequal society, and denounced corrupt elites, repression, and mainstream media control. The COVID-19 pandemic broke this global wave of protests.”
3. Casé Angatu Xukuru Tupinambá compartilha saberes-fazeres a partir de uma vivência e luta de retomadas de territórios de grupos tupinambá no sul da Bahia Confirma a entrevista “Nós não somos donos da terra, nós somos a terra” em <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/intervistas/582140-nos-nao-somos-donos-da-terra-nos-somos-a-terra-intervista-especial-com-ca-se-angatu-xukuru-tupinamba>
4. Mestre Joelson também é da Bahia e da Teia dos Povos, uma articulação de movimentos que lutam por terra e território)Confira mais informações sobre a Teia dos Povos em <https://teiadospovos.org/>
5. O debate da série “Terra, território, autonomia” foi organizado em colaboração dos núcleos de pesquisa NEPES/Universidade Federal do Oeste do Pará e NUREG/Universidade Federal Flu-



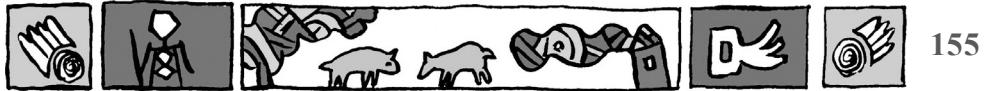
- minense. O vídeo do debate “O horizonte da autonomia nas lutas contemporâneas da América Latina” está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z6gvxEDcW0I&t=276s>
6. Vídeo-debate mediado por Raúl Zibechi Una historia de lucha barrial, Los Bañados, Asunción (Paraguay). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BDJ0lSpRY70&t=108s>
 7. Vídeo-debate mediado por Raúl Zibechi Brasil y sus favelas: experiencias comunitarias durante la pandemia com Gizele Martins e Timo Bartholl da Frente de Mobilização Maré e Inessa Lopes do Movimentos das Comunidades Populares (MCP) no canal do Youtube Periódico desdeabajo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2iP0g5zNdpk&t=292s>
 8. Tradução livre. No original: “In this period of crisis, popular movements, grassroots organizations, and citizens have taken a leading role in engaging in mutual support, providing basic needs and solidarity in their community and beyond. In this period of social distancing and isolation, social movements build ties.”
 9. Um amplo e inspirador acervo das mobilizações nas favelas frente a pandemia encontra-se no Dicionário de Favelas Marielle Franco, disponível em https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Coronav%C3%A9rus_nas_favelas#Not%C3%ADcias_sobre_coronav%C3%A9rus_nas_favelas
 10. Disponível em <https://www.interfacejournal.net/interface-volume-12-issue-1/>
 11. Um encontro de diálogo relacionado ao livro e quem o construiu, do qual participamos, ocorreu no “Roundtable: Pandemic Solidarity” no âmbito do Ray Warren Symposium on Race & Ethnos Studies do Lewis & Clark College, Portland/EUA no 13/11/2020. Outro encontro de troca inspiradora referente ao trabalho do livro está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KGE5dFHjh6Y&t=133s>
 12. Tradução livre. No original: “There is something deep here connected to what is the real truth about who we really are, not what we are told about ourselves. Yes, we are afraid. Yes, we feel pain and vulnerability, and what we do with that, again and again, throughout history and now more than ever, is to reach out to one another and find ways to care for each other.”
 13. Tradução livre. No original: “To be in solidarity is to place oneself in the shoes of another, it’s to perceive one’s lack of access to the means of survival, it’s to keep in mind social inequities.”
 14. Disponível em <https://uploads.knightlab.com/storymaps/b5c68369e171e8d415ae87a03d2e-dec03/favelas-contra-covid-19/draft.html>
 15. Disponível em <https://favelascontracovid.wixsite.com/home>
 16. Confira <https://www.countercartographies.org/>
 17. Confira <https://hackitectura.net/>
 18. Confira <https://iconoclastistas.net/>
 19. Confira <https://bureaudetudes.org/>
 20. Confira <https://beehivecollective.org/>
 21. Confira <https://orangotango.info/>
 22. Acesso livre do “Not An Atlas” online em <https://notanatlas.org/>
 23. Tradução livre. No original: “More indigenous territory has been claimed by maps than by guns. This assertion has its corollary: more indigenous territory can be reclaimed and defended

by maps than by guns.”

24. Disponível em: <https://notanatlas.org/cartography-as-emancipation/>
25. Confira reflexões e mapas em “Mapping solidarity in times of the Covid-19”, disponível em <https://notanatlas.org/mapping-solidarity-in-times-of-the-covid-19/>
26. Disponível em: <https://www.synergiesforsolidarity.org/?lang=pt>
27. Sobre o instituto Marielle Franco: www.institutomariellefranco.org/#4
28. Sobre o Coletivo Favela em Pauta: <https://favelaempauta.com/quem-somos/>
29. Sobe a startup Take: <https://www.take.net/quem-somos/>
30. <https://www.institutomariellefranco.org/mapacoronanasperiferias>
31. Disponível em <https://favelaempauta.com/mapa-corona-periferias-zap/>
32. trecho da entrevista disponível em <https://favelaempauta.com/mapa-da-solidariedade-e-mobilizacao/>
33. Disponivel em <https://www.ufrgs.br/sig/mapas/solidariedade-covid19/>
34. Citamos da página citada na nota de rodapé 29.
35. Outros mapas interessantes que não podemos apresentar mais a fundo aqui são o “Mapa de iniciativas solidárias de São Paulo”, acessível em <https://jornal.usp.br/universidade/plataforma-mapeia-acoes-solidarias-para-atenuar-efeitos-da-covid-19/>; o mapa da “Rede Solidária”, disponível em <https://www.redesolidaria.org.br/>; ou o “Mapeamento de redes colaborativas Rio de Janeiro”, disponível em https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1Mp6hCJXvS4ebO_H0Agyb_-w-qIDWC_GT&ll=-22.865595271496666%2C-43.2686269323809&z=14
36. Disponível em: <https://www.who.int/westernpacific/emergencies/covid-19/information/transmission-protective-measures>
37. Veja o relato da primeira de três entregas de livros da campanha em <https://blogdaconsequencia.wordpress.com/2020/09/06/relato-da-primeira-entrega-das-cestas-de-leitura-editora-consequencia-e-instituto-de-estudos-libertarios/>
38. Confira <https://ielibertarios.wordpress.com/>
39. Confira o blog da editora em <https://blogdaconsequencia.com/> Sobre a campanha “Cestas de livros mais informações em
40. Confira <https://www.fretemare.com/>
41. O site está dipsonível em <https://favelascontracovid.wixsite.com/home>
42. StoryMap: “Maps that tell stories”. Mais informação disponível em https://storymap.knightlab.com/?utm_source=syndicate&utm_campaign=onextrapixel-oct2016&utm_medium=post
43. Disponível em <https://uploads.knightlab.com/storymapjs/b5c68369e171e8d415ae87a03d2edc03/favelas-contra-covid-19/draft.html>

REFERÊNCIAS

Accossatto, R. (2017). Colonialismo interno y memoria colectiva. Aportes de Silvia Ri-



- vera Cusicanqui al estudio de los movimientos sociales y las identificaciones políticas. In: *Economia y sociedad*, vol. XXI, n° 36, January-July, 2017, 167-181.
- Almeida, A. Wagner Berno de. Nova Cartografia Social: Territorialidades Específicas e Politização Da Consciência Das Fronteiras. In: *Povos e Comunidades Tradicionais. Nova Cartografia Social* (pp. 157–73). Manaus: UEA Edições,
- Araujo, L. de Oliveira Lima, Matos, T., Rocha, L. B., Souza, Y. Evangelista Tavares de & Barthol, T. (2022). Between solidarity and charity: mobilizing in pandemic times in favelas of Rio de Janeiro and Niterói. Artigo submetido para publicação de um livro do projeto “*Urban Struggles for the Right to the City and Urban Commons in Brazil and Europe*”, parceria entre o Instituto para Pesquisa Urbana e em Habitação, Universidade de Uppsala/Suécia e a Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de Belo Horizonte/Brasil. No prelo.
- Bartholl, T. (2015). *Movimentos sociais de base e territórios de resistência: uma investigação militante em favelas cariocas*. Tese de doutorado. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.
- Bartholl, T. (2018) *Por uma Geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta*. Rio de Janeiro: Consequência.
- Bartholl, T.; Filippidis, C.; Vradis, A. & Minhucas Urbanas (2021). *Favela, resistência e a luta pela soberania alimentar*. Rio de Janeiro: Consequência.
- Borda, O. F. (2009). *Una sociología sentipensante para América Latina*. Bogotá: Siglo del Hombres/CLACSO.
- Bringel, B. (2020) Geopolítica da pandemia, escalas da crise e cenários em disputa. *REALIS*, v.10, n° 01, Janeiro-Junho, 33-51.
- Bringel, B. & Pleyers, G. (orgs.). (2020) *Alerta global. Políticas, movimientos sociales y futuros en disputa em tiempos de pandemia*. Buenos Aires: CLACSO; Lima: ALAS.
- Bunge, W. (1971) *Fitzgerald: Geography of a Revolution*. Morristown: General Learning Press, 1971.
- Colectiva Sembrar & Sitrin, M. (orgs.). (2020) *Pandemic solidarity: Mutual aid during the Covid-10 crisis*, London: Pluto Press.
- Crampton, J. & Krygier, J. (2006). An Introduction to Critical Cartography. In: *ACME: An International Journal for Critical Geographies*, vol. 4, n° 1, 11–33.
- Cusicanqui, S. Rivera (2018). *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Duarte, L. Gomes & Lima, R. On intersectional solidarity in Portugal. In: Colectiva Sembrar & Sitrin, M. (orgs.) *Pandemic solidarity: Mutual aid during the Covid-10 crisis*. (pp. 123-137). London: Pluto Press.
- Escobar, A. (2018). Transition Discourses and the Politics of Relationality: Toward Designs for the Pluriverse. In: Reiter, B. (org.). *Constructing the Pluriverse: The*

- Geopolitics of Knowledge.* (pp. 63-89). Durham: Duke University Press.
- Escobar, A. (2020). *Pluriversal Politics: The Real and the Possible*. Durham: Duke University Press.
- Franco, I., Duque, Ortiz, C., Sampler, J., & Millan, G. (2020). Mapping repertoires of collective action facing the COVID-19 pandemic in informal settlements in Latin American cities. *Journal of Environment and Urbanization*, vol. 32, n° 2, 523-546.
- Freire, P. (2008). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Haesbaert, R. Entre a contenção e o confinamento dos corpos-território: reflexões geográficas em tempos de pandemia (II), do 24/03/2020, texto republicado do facebook do autor na página da Associação de Geógrafos Brasileiros Campinas. Disponível em <http://agbcampinas.com.br/site/2020/rogerio-haesbaert-entre-a-contencao-e-o-confinamento-dos-corpos-territorio-reflexoes-geograficas-em-tempos-de-pandemia-ii/>
- Harley, J. B. (1989). Deconstructing the Map. In: *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, vol. 26, n° 2, 1–20.
- hooks, b. (2010). *Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom*. New York: Routledge.
- Kitchin, R. & Dodge, M. (2007). Rethinking Maps. In: *Progress in Human Geography*, vol. 31, n° 3, 331–44.
- Kollektiv Orangotango+ (orgs.). (2018). *This Is Not an Atlas: A Global Collection of Counter-Cartographies*. Bielefeld: transcript, 26–35.
- Mansilla, P., Pehuèn, M. & Letelier, M. (2019). *Cartografía Cultural Del Wallmapu: Elementos Para Descolonizar El Mapa En Territorio Mapuche*. Santiago de Chile: LOM Ediciones.
- Matos, T. da Silva. (2020). COVID-19 nas favelas: desigualdades socioespaciais e as formas de organização comunitária. In: *Revista Ensaios Geográficos*, Niterói, vol. 5, n° 10, julho, 102-108.
- Mesquita, A. (2018). Counter-Cartographies - Politics, Art and the Insurrection of Maps. In: kollektiv orangotango+ (orgs.). *This Is Not an Atlas: A Global Collection of Counter-Cartographies* (pp. 26-35). Bielefeld: transcript.
- Mignolo, W. (2003) *Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal.
- Morris, D. & Voyce, S. (2015). Avant-Garde, III: Situationist Maps, Take One. Texto disponível em <https://jacket2.org/commentary/avant-garde-iii-situationist-maps-take-one>
- Motta, S. (2015). 21st Century Emancipation: Pedagogies in and from the Margins. In: Kupfer, A. (org.). *Power and Education: Contexts of Oppression and Opportunity* (pp. 169-193). London: Palgrave Macmillan.
- Nietschmann, B. (1994). Defending the Miskito Reefs with Maps and GPS. Mapping with Sail, Scuba, and Satellite. In: *Cultural Survival Quarterly*, vol. 18, n° 4, 34–37.
- Oslender, U. (2019). Geographies of the Pluriverse: Decolonial Thinking and Ontologi-



- cal Conflict on Colombia's Pacific Coast. In: *Annals of the American Association of Geographers*, vol. 109, n° 6, 1691–1705.
- Peluso, N. L. (1995). Whose Woods Are These? Counter-Mapping Forest Territories in Kalimantan, Indonesia. In: *Antipode*, vol. 27, n° 4, 383–406.
- Perkins, C. (2008) Cultures of Map Use. In: *The Cartographic Journal*, vol. 45, n° 2, 2008, 150–158.
- Peruzzo, C. M. Krohling. (2016). Epistemologia e método da pesquisa-ação. Uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. In: *XXV Encontro Anual da Compós – Assoc. dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Goiânia, GO. XXV Encontro Anual da Compós. Goiânia: UFG, 1-22.
- Pleyers, G. (2020). The Pandemic is a battlefield. Social movements in the COVID-19 lockdown, *Journal of Civil Society*, 1-19.
- Porta, D. D. (2020). Movimientos sociales en tiempos de Covid-19: otro mundo es necesario. In: BRINGEL, B. & PLEYERS, G. *Alerta global. Políticas, movimientos sociales y futuros en disputa en tiempos de pandemia* (pp. 175-179). Buenos Aires, CLACSO; Lima: ALAS, 2020.
- Reiter, B. (org.). (2018) *Constructing the Pluriverse: The Geopolitics of Knowledge*. Durham: Duke University Press.
- Scott, J. (1998). *Seeing like a State: How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. New Haven: Yale University Press.
- Spades, D. (2020). *Mutual aid. Building solidarity during this crisis (and the next)*. London/New York: Verso.
- Wood, D. (1992). *The Power of Maps*. Mappings. New York: Guilford Press.
- Wood, D. (1993). The Fine Line between Mapping and Map Making. In: *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, vol. 30, n° 4, 50–60.
- Zibechi, R. (2011) *Territorios en resistencia : cartografía política de las periferias urbanas latinoamericanas*. Carcaixent: Zambra.
- Zibechi, R. (2020a). *Movimentos sociais na América Latina. O 'mundo outro' em movimento*. Rio de Janeiro: Consequência.
- Zibechi, R. (2020b). *Tiempos de colapso: los pueblos en movimiento*. Bogotá: desde abajo.
- Zibechi, R. (2020c). *Tiempos de colapso II: los pueblos rompen el cerco*. Valéncia/Málaga: Baladre/Zambra.

ANEXO:

AMOSTRA EM FORMATO PDF DO STORYMAP “FAVELAS CONTRA A COVID-19”





Frente de Mobilização da Maré, disponível em <https://www.frentemare.com/>

Geografia em movimento(s): Favelas contra a COVID-19

Este Storymap tem como objetivo registrar dinâmicas socioterritoriais das diversas frentes de solidariedade que vêm atuando no enfrentamento da pandemia da COVID-19 nas favelas do Rio de Janeiro e Niterói. Aqui estamos construindo uma memória viva, um álbum das experiências, das práticas e das relações dos sujeitos com os territórios, além de relatar reflexões acerca das contradições e desafios impostos pela realidade pandêmica.

A construção desse material foi realizada pelo projeto "Geografar em movimento e pesquisar em ação contra os impactos da pandemia", ligado ao curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense. Em uma perspectiva de pesquisa-ação junto aos coletivos e sujeitos (em movimento(s), realizamos entrevistas com os integrantes das Frentes de solidariedade apresentadas, conhecemos um pouco da organização e da luta contra os efeitos da crise e aqui registramos as ações solidárias horizontalmente construídas pelos movimentos (de) militantes em favelas.

Esta plataforma se torna um meio de identificação dos grupos, incentivando o reconhecimento dessas atuações tão relevantes e importantes de solidariedade pandêmica em diversas escalas. Essa representação demarca territorialidades situadas, abrindo um panorama de frentes solidárias que desenvolvem trabalhos de apoio mútuo em suas comunidades. Tal reconhecimento nutre a percepção de que as frentes não estão isoladas, e que configuram redes conscientes de si, conectadas, ativas e consolidadas.





disponível no Instagram do coletivo @coletivofalaakari

Entrega de cestas orgânicas pelo coletivo Fala Akari! em parceria com o coletivo Favelas na Luta

Coletivo Fala Akari! - Acari (RJ)

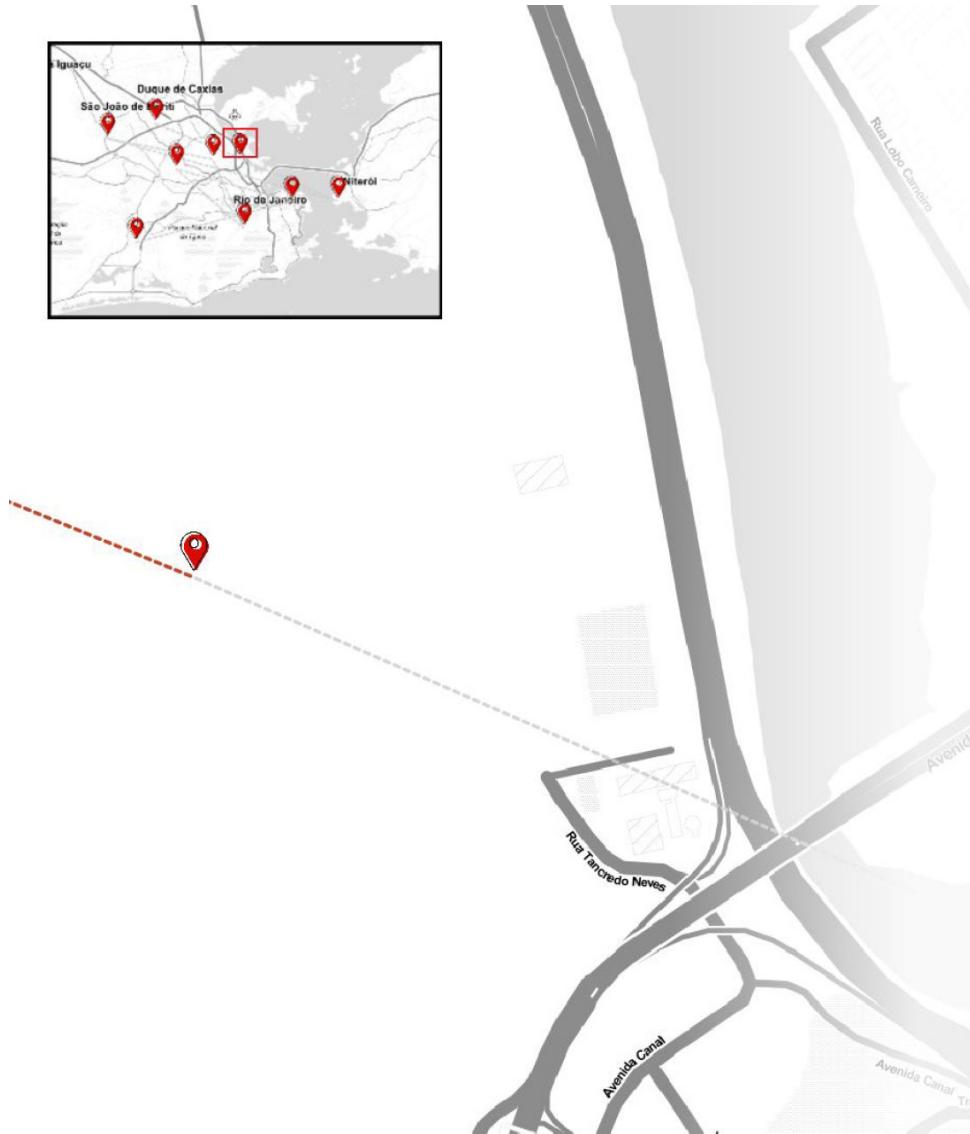
Acari tem uma das histórias de luta mais antigas do Brasil. A favela abriga um movimento pioneiro contra a violência policial, o coletivo Mães de Acari, fundado na década de 1990. Sob essa tradição, a luta continua com a fundação do coletivo fala Akari em 2015, que tem como objetivo promover e disseminar ações culturais e educacionais e combater a opressão do estado na comunidade.

Em 2020 o coletivo se organizou para combater os impactos da COVID-19. Em entrevista, um dos ativistas da Frente Acari que atuou na pandemia, Luis Melo (23), contou sobre a experiência da comunidade. Segundo ele, a mobilização começou a partir da percepção das carências que as famílias passariam diante do desemprego e do isolamento social. A frente atuou através de campanhas de conscientização e prevenção da doença, mas principalmente na distribuição de cestas básicas e de kits de higiene pessoal. Desde o início da pandemia a frente ajudou mais de 5000 famílias na comunidade.

A foto acima registra a entrega de alimentos orgânicos com cerca de 9 quilos de verduras, legumes e frutas. Foram mais de 300 cestas distribuídas em parceria com o coletivo Favelas na Luta.

Conheça o Instagram do coletivo Fala Akari: @coletivofalaakari

Acesse também a matéria do The Guardian sobre a atuação da Frente de Acari diante do descaso do governo: <https://www.youtube.com/watch?v=CbQyU-clUSg>



Entrega das cestas doadas pela Fiocruz - 28/04/2020 video 2



Foto da organização de cestas da Frente de Mobilização da Maré

Frente de Mobilização da Maré - Maré (RJ)

A Frente de Mobilização Maré atuou nos territórios do Conjunto de favelas da Maré na cidade do Rio de Janeiro. A Frente se forma com a emergência da pandemia da COVID-19, em uma articulação de grupos de comunicadores populares que se unem para enfrentar os avanços dos efeitos da pandemia em seus territórios. Foram mais de 50 voluntários engajados na mobilização, entre moradoras e moradores, comunicadores populares, assistentes sociais e profissionais das áreas de Educação e Saúde.

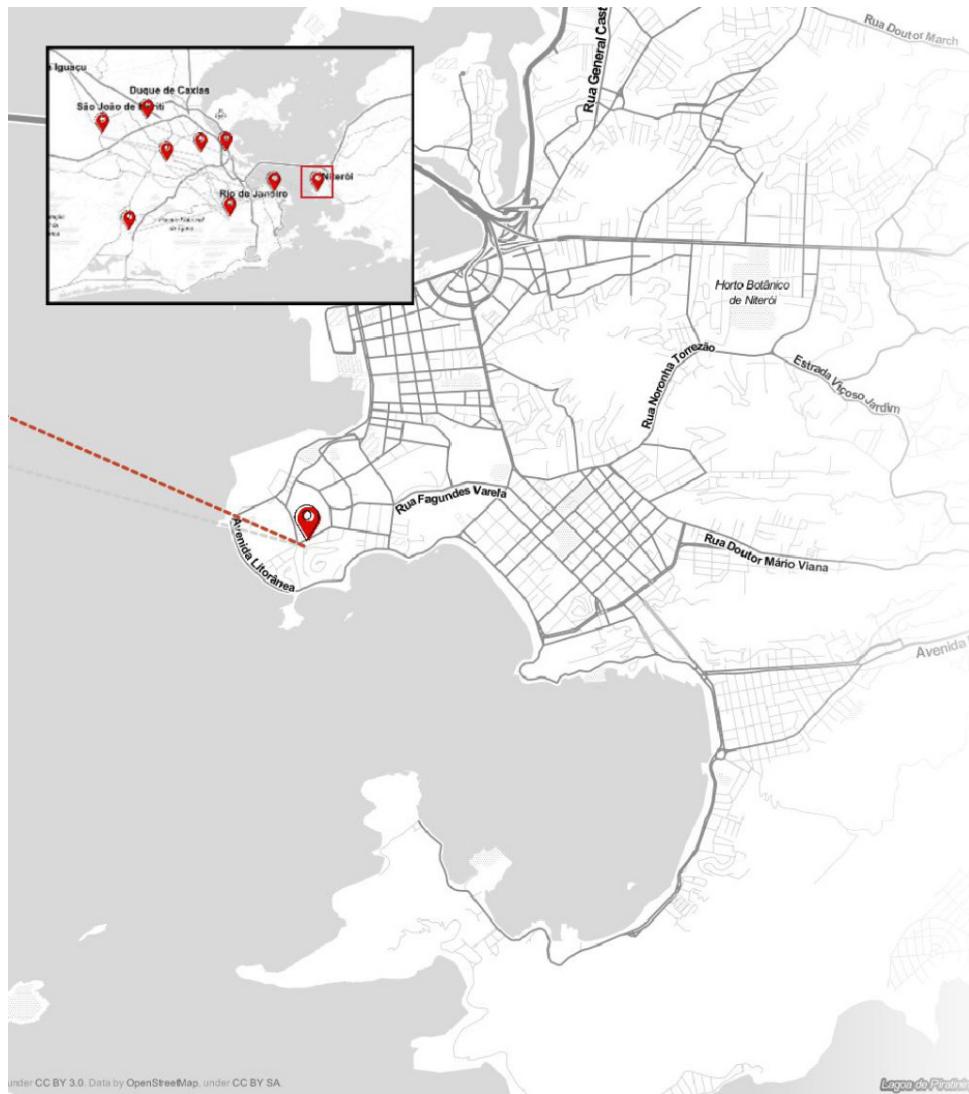
Quando começa a apertar as restrições de circulação, percebem a urgência da entrega de cestas básicas. No prenúncio do caos fazem uma listagem de 700 famílias que precisavam de apoio, em outro momento, foram mais de 3.000 pessoas. Articulados com alguns parceiros conseguiram grandes doações, destaque para Fiocruz que doou 2000 cestas básicas, nos conta Naldinho, um dos integrantes da Frente.

A Frente se organizou em Grupos de Trabalho: financeiro, doações, recepção e entregas, comunicação, representantes etc... A principal ferramenta de comunicação intra e entre GTs foram os grupos de WhatsApp. Destaca-se também a participação do grupo no encontro nacional da rede de comunicadorxs "Favelas em luta" que teve a participação de mais de 100 pessoas. Nessa circunstância, foi criada a hashtag #coronanasperiferias que foi responsável pela ampla divulgação da realidade pandémica nos espaços mais vulneráveis. A arte da campanha que circulou todo o Brasil, inclusive, foi de autoria de um dos integrantes da Frente de Mobilização da Maré.

Conheça mais do trabalho da Frente de Mobilização da Maré

Site: <https://www.frentemare.com/frente>

Canal do Youtube: https://www.youtube.com/channel/UC3ComDxBqXPRfoR8YO8_EpQ





Primeira fase da campanha no Morro do Palácio: arrecadação de alimentos

Morro do Palácio Contra a COVID-19 - Morro do Palacio (Niterói)

O Morro do Palácio está localizado no bairro do Ingá em Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. A campanha começa com a situação emergencial provocada pela pandemia da COVID-19, em março de 2020. A comunidade não contava com a atuação de organizações e a rede de favelas na cidade de Niterói não é tão bem estabelecida como em alguns lugares do Rio, o que se apresentou como uma grande desafio para a campanha que se estruturou através da iniciativa de alguns moradores.

Na primeira fase foram arrecadados alimentos não perecíveis que compuseram 20 cestas entregues no mês de Junho/2020. Durante toda a campanha, foi realizado um financiamento coletivo através da plataforma virtual benfeitoria, com uma meta de R\$1.700. A meta foi atingida em Agosto/2020, possibilitando a montagem de mais 24 cestas com 15 itens, investindo mais na qualidade e variedade de produtos.

Foram entregues no total 44 cestas, um número bem pequeno em comparação ao de outras Frentes, porém, a campanha foi um passo inicial muito importante para fomentar a organização comunitária no Morro do Palácio. Através dela moradores/as interessados/as em realizar ações mais diversas e amplas, se conectam e criam laços. Nesse contexto, foi formado o coletivo É O PALÁCIO, para movimentar arte e educação na comunidade, o objetivo é manter o coletivo atuante e estabelecer conexão com outras comunidades de Niterói.

A Frente formada no Morro do Palácio foi um caso bastante singular dentre os grupos que nos conectamos. Além de ser a única favela na cidade de Niterói, foi uma experiência bastante interna, no sentido que não contou com o apoio de outras comunidades ou instituições. Niterói é uma cidade de extrema desigualdade social e o Palácio, localizado no coração de uma das áreas mais nobres, é uma comunidade extremamente ofuscada por esse dinâmica. Mesmo as favelas mais organizadas da cidade não usufruem de uma rede de cooperação ampla e fortalecida mas acreditamos que esse foi um momento que favoreceu bastante a projeção das suas (r)existências. Através da campanha o Morro do Palácio conheceu outras experiências comunitárias e se afirma como um ponto integrante da rede de favelas que vem crescendo em Niterói.

Conheça o Instagram do coletivo É O PALÁCIO: [@coletivoepalacio](https://www.instagram.com/coletivoepalacio)





<http://www.ichunoticias.com.br/2019/10/ichu-mcp-realizara-vi-assembleia.html>

Bandeira do Movimento das Comunidades Populares (MCP)

Movimento das Comunidades Populares (MCP)

Os trabalhos do MCP são diversos. Especificamente na base MCP localizada na Comunidade Chico Mendes (Chapadão), atuam com uma escola/creche, um mercadinho e uma loja. A Escola Jardim da Comunidade (EJC) é onde desenvolvem as variadas atividades de Educação Popular, possuindo cerca de 70 crianças matriculadas. Com o início da Pandemia, houve uma gradual interrupção das atividades da escola/creche, que atua de forma autônoma, quando interrompem seu funcionamento aparece o problema da renda: como ficariam as pessoas que dependem do funcionamento da escola e creche (professores, funcionários...)?

As práticas pré-pandemia proporcionam maturidade para a atuação que se desenrolou meio a pandemia, e colocaram novas reflexões ao grupo. A mobilização para o enfrento da pandemia se deu de forma orgânica e contou com os já parceiros do movimento (outros grupos como o MPA, professores e pesquisadores). Assim, conseguiram se apoiar as pessoas que dependiam das atividades do coletivo, principalmente as pessoas envolvidas com a escola, em torno de 15 pessoas. Posteriormente conseguiram dar apoio a alguns moradores da comunidade que ficaram sem renda.

O grupo não possui páginas virtuais, mas você pode conhecer um pouco mais através dessa matéria do site Teia dos Povos: <https://teiadospovos.org/6-comunidade-chico-mendes-rj-mcp/>





<https://www.facebook.com/Escola-Quilombista-Dandara-de-Palmares-195642591462441/>

Foto do Facebook da Escola Dandara

Escola Quilombista Dandara dos Palmares - Alemão (RJ)

A Escola Quilombista Dandara dos Palmares fica no Conjunto de Favelas do Alemão. A escola nasceu em 2013, idealizada pela sua mais velha, dona Zilda, junto a outras mulheres que compunham o coletivo Ocupa Alemão. É uma iniciativa que traz uma alternativa à educação colonial, promovendo a educação antiracista e provocando debates importantes como o sistema de cotas e acesso à Universidade Pública, além de oferecer apoio psicológico e reforço escolar para as crianças da comunidade.

Quando os membros da Escola, cerca de 13 pessoas, percebem a gravidade da situação pandêmica se juntam com outros movimentos que atuam no território para combater os impactos da pandemia sobre a comunidade de forma mais efetiva. Esses grupos já tem uma cultura de se articular em prol da comunidade em tempos de crise e em um grupo de WhatsApp chamado Juntos pelo Complexo mobilizaram diversas ações no conjunto de favelas do Alemão.

As parcerias foram muito importantes, mas a Escola decidiu se manter como uma frente mais autônoma mesmo em meio a relações com outros coletivos ou instituições. Sua atuação conseguiu atender muitos moradores do Morro do Alemão, onde fica situada, priorizando as pessoas ligadas à escola de alguma forma. Atuaram na comunicação popular, distribuição de cestas de alimentos, kits de higiene e máscaras. Uma inovação interessante relatada pelo Leo, um dos integrantes da Escola, foi a distribuição de 10 cestas para moradores que ficariam responsáveis por redistribuí-las para pessoas que moravam perto de suas respectivas casas. Essa foi uma estratégia interessante para evitar aglomerações num momento tão arriscado. Ainda segundo ele, a frente foi capaz de ajudar cerca de 600 pessoas.

Instagram @escoladandaradepalmares

Facebook: Escola-Quilombista-Dandara-de-Palmares





Ação no morro da Formiga (Rio de Janeiro)



Vídeo de uma ação solidária realizada no Morro da Formiga

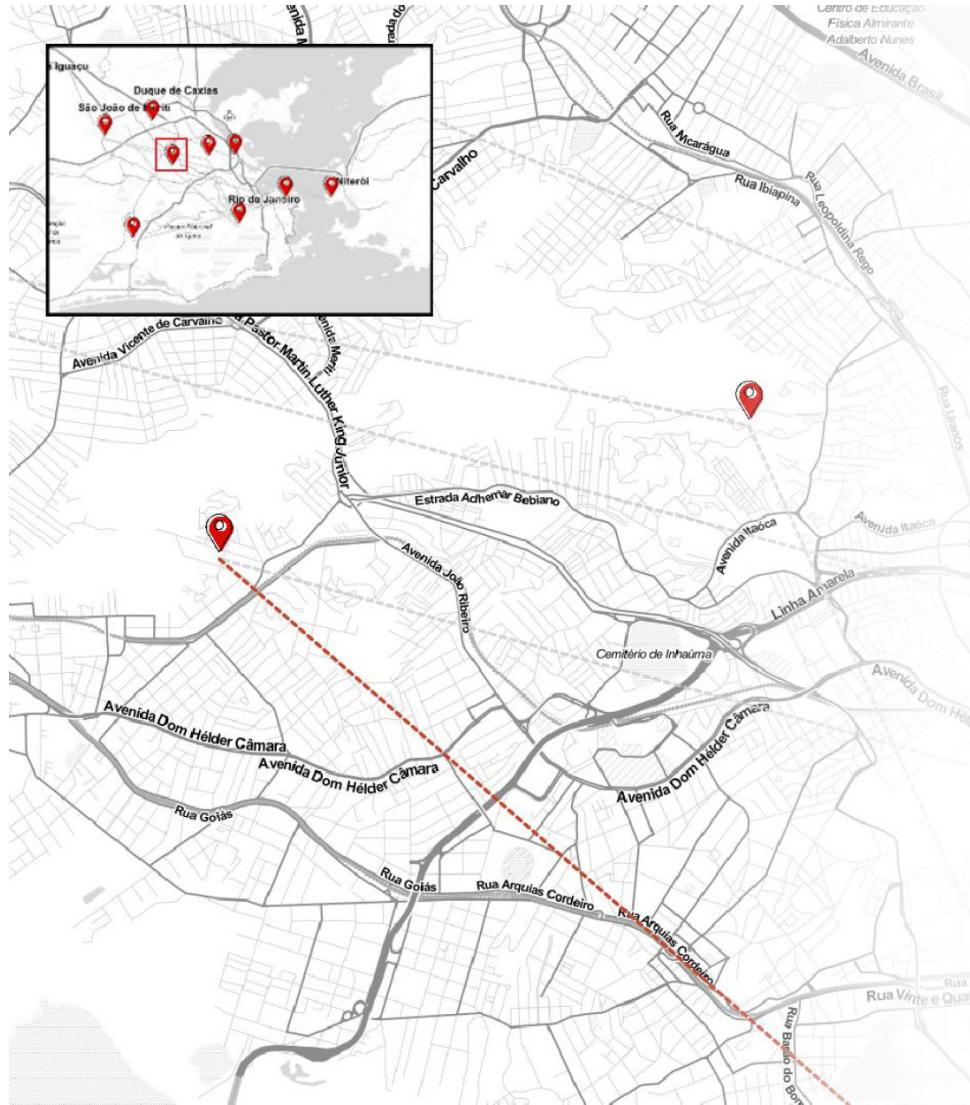
FormigAção: Morro da Formiga (RJ)

O Morro da Formiga é uma favela carioca que se situa na Grande Tijuca, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A Frente que se forma para conter os avanços e efeitos da(s) crise(s) no território acontece de forma orgânica, principalmente a partir do coletivo FormigAção que já mantinha um trabalho consolidado desde 2013, relatado pelo André, membro fundador do coletivo, como um momento de despertar Político entre as pessoas da comunidade. Chegam junto para as ações de combate aos efeitos da pandemia cerca de 15-17 pessoas voluntárias, sendo a maioria moradores mas com uma parcela de parceiros periódicas de outros territórios, tanto de favelas como do asfalto.

A Frente teve recursos para distribuição das doações através de parcerias, dentre instituições públicas e privadas. O apoio da Frente CDD da Cidade de Deus, que se localiza relativamente próximo a Formiga, foi muito importante, quando recebia um grande montante de doações compartilhava com as frentes de menor projeção, entre elas a Formiga. André cita também parcerias com pequenos agricultores e com o MST de Barra do Piraí de cestas de alimentos orgânicos. Nas diversas ações que aconteceram ao longo de 2020 foram entregues mais de 1000 cestas de alimentos.

A organização das distribuições de cestas foi bem espontânea, não se sabe ao certo o número de pessoas apoiadas pela frente.

O grupo não possui páginas virtuais.





<https://www.facebook.com/frentecavalcanti/photos/a.101294338293600/132519825171051/>

Arte da Frente Cavalcanti

Frente Cavalcanti Contra o COVID-19

Com base no bairro de Cavalcanti, Zona Norte do Rio de Janeiro e periferia urbana da cidade, a Frente Cavalcanti se formou por jovens moradores no início da Pandemia preocupados em conter os avanços e efeitos da COVID-19 em seu território. Antes da pandemia já havia o desejo de formar um coletivo atuante, essa vontade foi impulsionada pelo prenúncio da crise.

A frente começa a atuar em Abril-Maio de 2020. Muitos recursos vieram de doações das pequenas empresas locais do bairro e de outras frentes maiores, como Frente de Mobilização Maré, Frente CDD, Rocinha. Os recursos recebidos em dinheiro, foram feitos por meio de financiamentos online e, além disso, a Frente Cavalcanti conquistou um edital de uma empresa privada, através da qual levantaram mais verbas.

Mapeadas as famílias que precisavam de apoio, fizeram com elas um preenchimento de fichas de cadastro, para controlar entregas e recebimento das cestas, organizaram as listas por regiões do bairro. Dessa forma foram capazes de ajudar cerca de 400 pessoas.

A Frente Cavalcanti, que se forma no momento emergencial de pandemia da COVID-19, tem planos de dali para frente, pensar, elaborar e dar continuidade com os projetos solidários em seu bairro.

Instagram @frentecavalcanti

Facebook: Frente Cavalcanti





Facebook do MLB

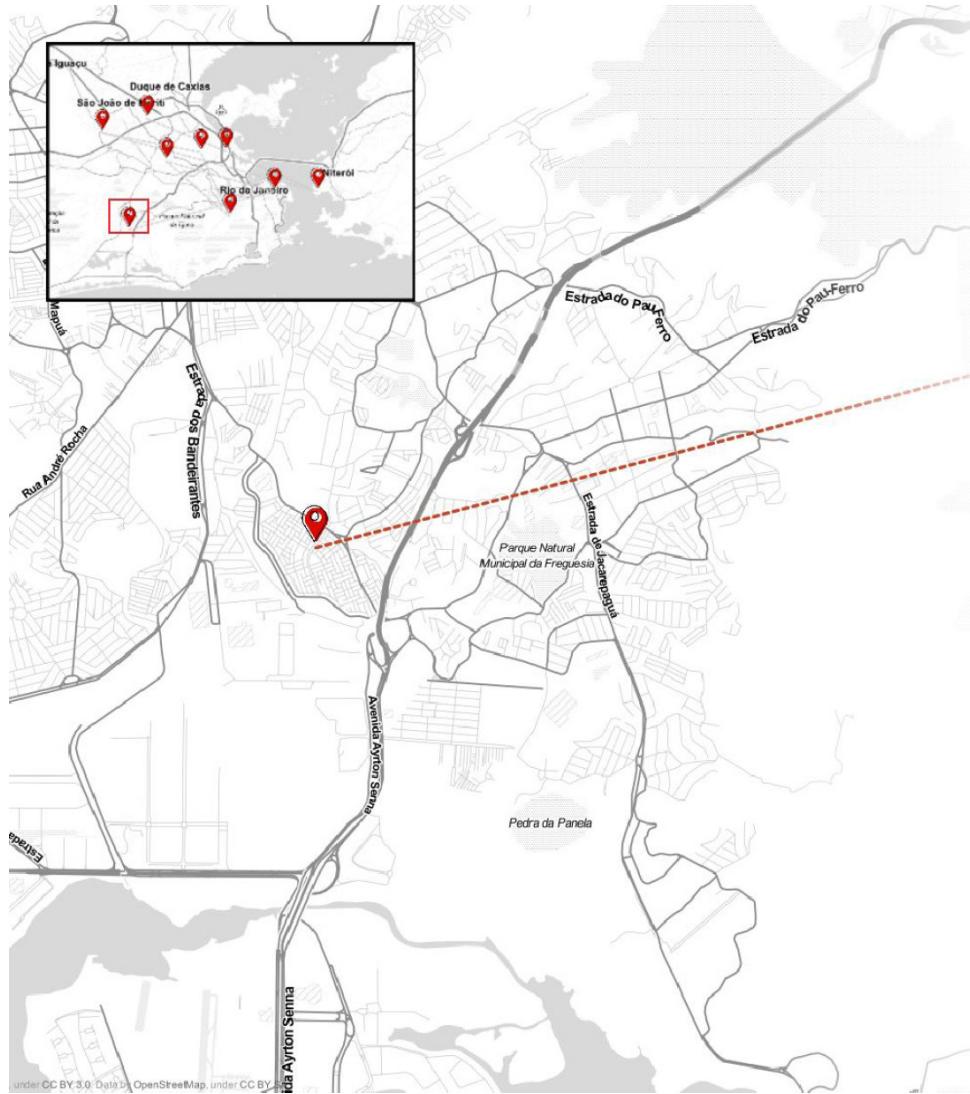
Movimento de Lutas de Bairros, Vilas e Favelas (MLB)

O Movimento de Lutas de Bairros, Vilas e Favelas (MLB) é um movimento em rede, atua em diversos estados brasileiros e bairros cariocas. No Rio, fazem parte do movimento de mulheres Olga Benário, organizando uma creche e algumas ocupações no centro da cidade do Rio e em Duque de Caxias.

Formam uma frente solidária com outros movimentos com os quais há se articulavam, a frente envolvia o MLB, Olga Benário, Unidade Popular, União da Juventude Revolucionária, e alguns outros. Eles tiveram fôlego para organizar mais ou menos 60 cestas por mês no começo da pandemia. Ao final de 2020 as doações caíram e os preços dos produtos que compunham a cesta ficaram mais caros, com isso a frequência e quantidade de entregas foi reduzida.

Incialmente, a prioridade foram as famílias que já estavam no movimento, como as que moram nas ocupações no centro do Rio de Janeiro. Nos momentos em que conseguiam montar mais cestas do que o necessário para os membros do movimento, distribuíam para conhecidos que necessitavam.

Facebook Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas - MLB / Rio de Janeiro





<https://www.facebook.com/frentecdd>

Foto integrantes da Frente CDD

Frente CDD Contra o COVID-19 - Cidade de Deus(RJ)

A Frente CDD atua na Cidade de Deus, é a junção de vários movimentos sociais que decidiram se unir para fazer algo pela favela quando viram que o que tinha acontecido na Itália devido a COVID-19 poderia acontecer de maneira bem pior em seu território. A ideia de criar a Frente foi para expandir a atuação desses coletivos, que atuavam isoladamente em diversos pontos da Cidade de Deus, para que assim pudesse levar os projetos para toda a favela.

Além das entregas de cestas básicas, uma das principais conquistas da Frente foi a transformação da comunicação dos coletivos da favela. Eles já tinham um trabalho forte com o audiovisual e no decorrer do percurso da pandemia ganharam ainda mais projeção através de suas páginas nas redes sociais, com destaque para o Instagram. A frente tomou uma visibilidade tão ampla que recebeu produtos de grandes empresas, como a P&G e AMBEV. As doações que se acumulavam pela grande quantidade, eram repassadas para frentes de outras favelas. Além disso, com a doação de uma empresa privada conseguiram apoiar as famílias com um cartão quebra galho no valor de R\$100.

A Frente CDD prestava contas das ações nas suas redes sociais. Na última prestação de contas, eles tinham conseguido alcançar 15 mil famílias e apoiar em torno de 60 mil pessoas.

Instagram @frentecdd

Facebook Frente CDD

linktree @doe.frente.cidade.de.deus

